

**Lisbon
& Estoril**¹⁵
Film Festival



65th Internationale
Filmfestspiele
Berlin
Urso de Prata - Melhor Actor
Urso de Prata - Melhor Actriz

CHARLOTTE RAMPLING
TOM COURTENAY

45 ANOS

45 YEARS

UM FILME DE ANDREW HAIGH





SINOPSE CURTA

Falta apenas uma semana para o 45º aniversário de casamento de Kate Mercer e o planeamento da festa está a correr bem. Mas entretanto chega uma carta para o seu marido. O cadáver do seu primeiro amor foi descoberto, congelado e conservado nos glaciares gelados dos Alpes Suíços. Quando chega a altura de celebrar o aniversário de casamento, cinco dias mais tarde, talvez já não haja casamento para festejar.

SINOPSE

Casados há 45 anos, sem filhos, Kate e Geoff Mercer preparam-se para celebrar o seu aniversário de casamento com uma festa, quando Geoff recebe uma carta que abala o casal. A carta, vinda da Suíça, informa-o de que foi descoberto um cadáver: o de Katya, a mulher com quem ele namorou antes de Kate, que faleceu ao cair numa fissura de um glacião, quando o casal andava a caminhar numas férias em 1962. Geoff diz a Kate que ele era considerado o “parente próximo” de Katya, já que eles tinham fingido ser casados. Embora Kate continue a preparar a festa e o casal partilhe alguma emoção romântica quanto a isso, ela fica cada vez mais perturbada pela preocupação de Geoff com Katya. Geoff volta a fumar e medita muito acerca da sua vida despreocupada com o seu amor anterior, procura fotos dela no sótão e queixa-se amargamente da forma como os seus contemporâneos e ex-colegas envelheceram. Interrogado por Kate, Geoff confessa que teria casado com Katya, se ela tivesse sobrevivido. Enquanto Geoff está num almoço de trabalho, Kate vasculha o sótão e encontra uns *slides* de Katya, que mostram que ela estava grávida na altura em que morreu. À medida que se aproxima a data do aniversário de casamento, o casal mergulha cada vez mais no seu passado, pondo o seu futuro em causa.

NOTAS SOBRE O FILME

45 Anos apresenta uma nova abordagem sobre as relações, a terceira idade, o perdão e o ciúme, de um argumentista e realizador que tem uma visão única sobre as relações. Também apresenta dois desempenhos de duas estrelas acarinhadas do cinema britânico, Charlotte Rampling e Tom Courtenay. O argumento de Andrew Haigh é adaptado do conto de David Constantine *In Another Country*.

Na esfera do amor romântico, a longevidade tende a ser louvada como uma façanha em si. Muitas notícias animadoras circulam periodicamente acerca de uniões que perduraram durante décadas, e suscitam torrentes de comentários sobre como é maravilhoso, adorável e inspirador que o amor dure tanto tempo. Mas será que estes casais felizes fizeram de início uma melhor escolha, ou será que amam melhor do que os que se separam mais cedo? Não será antes uma questão de terem enterrado mais fundo os seus sentimentos, ou de terem tido a sorte ou a mestria de evitar armadilhas emocionais, que podem inesperadamente destruir o laço aparentemente mais forte? Será que a intimidade aumenta inevitavelmente com o passar dos anos? Ou será que pode rasgar-se repentinamente ou erodir lentamente? O casal no centro de *45 Anos* ainda não está decrépito, mas também já não é adorável. Kate e Geoff Mercer permanecem intelectualmente vitais e fora o recente bypass cardíaco de Geoff, também estão em de saúde. Mas tendo casado jovens, como era habitual nos anos 60, quando se conheceram, já estão juntos há muito mais tempo do que os casais mais jovens e mais avessos a compromissos alguma vez estarão. A sua união parece sólida. Mas o filme de Haigh capta, com uma acuidade assombrosa, quão vulnerável se torna o seu casamento, quando o sofrimento passado emerge e os ciúmes do passado são novamente despertados.

Se o anterior filme de Haigh, o altamente aclamado *Amor de Fim de Semana*, de 2001, mostrava uma relação que mal tinha começado e que poderia ou não florescer para lá dos dois dias do fim de semana, este filme de seguimento segue o caminho narrativo oposto. As preocupações em *45 Anos*,



contudo, são inesperadamente similares às do memorável filme de estreia de Haigh. Como é que se estabelece a confiança e como é que o amor se expressa? Até que ponto podemos ser íntimos uns dos outros e até que ponto devemos esperar agir sozinhos?

De certa forma, Kate e Geoff são um só. Ela sabe que livros ele começou a ler e não acabou. Ele está sempre empenhado em consertar a sanita avariada. Os boatos sobre os amigos e vizinhos são referidos entre eles numa espécie de fácil estenografia verbal. Mas uma recordação macabra da vida de Geoff antes de Kate, com a descoberta do cadáver da sua anterior namorada, Katya, que faleceu num acidente enquanto caminhavam na Suíça 50 anos antes, fá-lo parecer de repente um estranho aos olhos da esposa e enfatiza sem remorsos as diferenças emocionais entre eles. “Uma fissura, creio que é esse o nome, como uma estreita fenda na rocha, diz Geoff, acerca da fenda que reclamou a vida de Katya, pouco suspeitando que estava a descrever exatamente o que se passava no seu casamento nesse momento. Geoff é uma pessoa ingênua, aberta e de pouco tato, como Kate o descreve, e é “demasiado apaixonado pelas coisas” e continua a debater-se com os sentimentos da sua esposa contida, mas sensível, confundindo a verdade de que a sinceridade é a melhor política. Kate, entretanto vai marinando no ciúme mais desesperado: aquele que se refere a pessoas e a relações há muito passadas. “Não posso incomodar-me com uma coisa que se passou antes de sermos um casal, pois não?”, diz ela de forma racional. Mas ela está incomodada... e toda a variedade de razões para esse incómodo será discretamente revelado, se não ao espectador, pelo menos a Geoff.

Os filmes acerca da idade madura que não sentimentalizam nem condescendem são poucos e muito espaçados. *45 Anos* trata as suas personagens como pessoas ainda na flor da vida e ainda vulneráveis às suas variações e golpes emocionais. A emoção é aumentada com a escolha de dois ícones da cultura da juventude britânica, Charlotte Rampling e Tom Courtenay, para estes papéis. Quando Geoff diz a Kate: “Tu eras uma brasa!”, podemos imaginar Rampling como a modelo e estrela de cinema da Swinging London, que ficou conhecida como “The Look” e quando ela lhe responde: “Tu eras tão



fixe”, vemos Courtenay como o jovem elegante e bem-apessoado de *The Loneliness of the Long Distance Runner* e *O Jovem Mentiroso*. Entretanto, a música pop dos anos 60 que parece perseguir Kate quando ela se depara com o passado não-defunto do marido:

I Only Want to Be With You; Young Girl; Happy Together – contrasta cruelmente as fantasias de deslumbramento da juventude com a realidade complicada de fazer o amor durar.

Compassivo, acutilante e subtilmente engraçado, *45 Anos* olha em profundidade para uma fase da vida muitas vezes minimizada, caracterizada ou totalmente excluída das narrativas cinematográficas, e para um lado do amor – o ciúme em retrospectiva – de que é tão difícil falar como suportar. Também oferece aos nossos atores principais os seus melhores papéis em vários anos e confirma Haigh – que recentemente foi autor da série *Looking*, da HBO, como um argumentista e realizador de invulgar intuição.

Este filme marca uma evolução no trabalho da sua dinâmica produtora britânica, The Bureau. Tendo-se estabelecido como uma emocionante rampa de lançamento para realizadores ousados em início de carreira - Asif Kapadia, Alexis dos Santos e Andrew Haigh entre eles – a produtora está agora a reforçar o seu perfil através de parcerias contínuas com estes realizadores, novas associações com realizadores promissores e filmes de alto perfil com papéis importantes de estrelas de créditos firmados. Mais recentemente a produtora trabalhou com Alan Rickman no seu projeto de realização *Nos Jardins do Rei* (2014), protagonizado por Kate Winslet.

PERGUNTAS E RESPOSTAS A ANDREW HAIGH

O que o atraiu neste conto e como foi o processo de o adaptar?

Para mim, havia algo de devastador numa relação que fraquejava perante o seu último obstáculo. Era como se esta recordação do passado, este corpo conservado em gelo, tivesse estado à espera do momento para lançar tudo no caos, num caos interno muito sossegado. Através das fendas na terra surgem todas as dúvidas e medos, todas as coisas por dizer ao longo dos anos, emoções reprimidas e escondidas. É como se toda a relação de Kate e Geoff, desde a sua fundação, fosse subitamente posta em causa por uma mulher que já não existe.

O conto original era maravilhosamente claro e conciso, mas para ser adaptado, tinha de ser expandido. Além de adicionar a festa do aniversário de casamento, a maior alteração foi a redução da idade das personagens para sessenta e muitos, setenta e poucos anos. O conto original passa-se nos anos 90 e a história de fundo decorre durante a II Guerra Mundial. Eu queria que a história de Kate e Geoff fosse muito presente. Não queria que tratasse das escolhas duma geração mais velha, agora desaparecida, mas sim a história das escolhas que todos temos de fazer. Também decidi contar a história unicamente da perspetiva de Kate, uma alteração em relação à história original. Há muitos filmes e trabalhos de ficção que lidam com a crise existencial masculina e eu queria ter uma perspetiva diferente da história.

Pode dizer algo acerca da relação deste filme e de *Amor de Fim de Semana*?

Há certamente uma correlação entre ambos. Ambos os filmes abordam a complexidade da intimidade entre duas pessoas; os riscos envolvidos em expormo-nos emocionalmente a outra pessoa; a dificuldade de sermos verdadeiramente honestos acerca dos nossos medos. Estou muito interessado em como as nossas relações românticas dizem mais sobre quem verdadeiramente somos e como queremos que o mundo nos veja.

A incapacidade de comunicar emocionalmente coisas sensíveis é muitas vezes encarada como particularmente britânica – acha que há alguma verdade nisso, sobretudo agora que tem trabalhado nos EUA?

Acho que há algo cultural e politicamente conservador acerca dos Britânicos, que encoraja muita gente a enterrar os seus sentimentos de modo a manter as aparências. Esse é o caso da classe média britânica. Dito isto, acho que é muito difícil para qualquer pessoa ser realmente aberta acerca dos seus sentimentos, porque na maior parte das vezes, não fazem sentido para nós. Podemos senti-los, mas é difícil para nós articularmos o que eles são. E também há um risco ao partilharmos os nossos sentimentos mais íntimos, isso vai ser sempre sentido como um risco.

O que trouxe a Charlotte para este papel e o que ela tem de especial para si, enquanto atriz?

A Charlotte é uma atriz ferozmente inteligente. Ela sabe o que é sentido como verdadeiro e o que não é. Quando a vejo no ecrã, vejo um furacão de emoções sob a superfície, por detrás daqueles olhos. Somos convidados a ver, mas também queremos manter a distância. Isso parece-me incrivelmente verdadeiro. Há coisas que todos nós devíamos guardar só para nós.



E quanto a Tom Courtenay?

Há uma certa vulnerabilidade no Tom e no seu desempenho. A última coisa que eu queria para este filme era um homem furioso e revoltado contra o mundo. Já vi isso demasiadas vezes no ecrã. Eu queria algo mais complexo, mas sensível. Aqui temos uma personagem em conflito com a sua própria identidade, não é o vilão da paz. Espero que em *45 Anos* não haja vilões, apenas pessoas a tentar perceber as coisas.

As histórias deles enquanto ícones dos anos 60 assombraram os seus desempenhos, com os apontamentos da música pop dessa década a servir de lembrete. Isso é algo que queria que o público notasse?

Sempre esperei que as suas histórias fossem sentidas de forma menor e subtil. Este filme trata em parte da sensação de esperança do passado, o potencial da nossa versão jovem e conhecer estes atores em jovem ajudou imenso. Há uma certa melancolia nisso, que me interessa muito enquanto sentimento. Acho muitas vezes que a melancolia que sentimos sobre o passado tem mais a ver com os fracassos e decepções do presente, do que com o próprio passado.

Há algo acerca da relação deles no ecrã que parece ser muito real, mas ao mesmo tempo é muito pouco convencional para um retrato de pessoas idosas. Parece que ainda estão a desenvolver-se enquanto pessoas. Tem uma noção de quanto disso está no guião, quanto disso transpareceu durante as filmagens e quanto se devia ao desempenho deles?

Essa era certamente a intenção. Não creio que as pessoas parem de procurar as respostas só porque estão mais velhas. Há esta crença de que quando chegamos aos 30 anos, já devíamos ter percebido tudo, ter descoberto quem somos. Mas tenho a certeza que para a maioria de nós, a vida não funciona assim. Estamos sempre em mudança, as nossas identidades estão sempre a evoluir e como tal, estamos sempre a fazer perguntas. Se não o fazemos, devíamos fazê-lo.



Qual é a sua perspectiva sobre a racionalidade ou sobre os sentimentos de ciúmes e rejeição por parte de Kate?

Tenho uma grande compaixão pela Kate. Há uma certa natureza irracional em relação aos seus sentimentos, e acho que ela está ciente disso, mas ao mesmo tempo, eles revelam algo mais profundo e desconcertante. É como se concentrarmos-nos na relação deles tivesse provocado uma náusea que Kate não consegue ultrapassar. Trata-se da sensação de rejeição e ciúme, mas também se trata do significado da sua vida. É como se sob o peso da inspeção, tudo o que ela construiu ao longo dos anos começa a perder o significado. Ruiu e ela não sabe se conseguirá reconstruí-la.

As referências à natureza adicionam uma dimensão poética – a terra que esconde segredos, coisas que se tornaram invisíveis, mas não desapareceram... há algo que quer juntar a isso?

Parece-me muito claro que o que acontece no nosso passado, o que fica enterrado sob a superfície permanece para sempre. E não me refiro apenas às coisas grandes, aos eventos dramáticos na nossa vida, refiro-me aos detalhes pequenos e mundanos que compõem a nossa existência. E muitas vezes tentamos ignorar isto, tentamos viver no presente, mas não é fácil; o sótão fica mais cheio e se não tivermos cuidado, as vigas podem partir-se e deixar uma grande confusão espalhada no chão do quarto.

A apresentação do filme é muito pacífica e sossegada, apesar da intensidade dos sentimentos. Pode falar-nos de algumas dessas decisões estéticas?

Era muito importante para mim que o filme começasse de forma tranquila e permanecesse assim. Não se trata de o trauma levantar a cabeça, trata-se das coisas mais pequenas. As escolhas e decisões, os sentimentos e emoções trancados, as coisas que não conseguimos expressar. Todos esses medos e dúvidas que vivem nessas pequenas fissuras e rachas. Por vezes penso que as nossas vidas giram em torno de não colocar demasiada pressão nessas falhas, esperando que o solo não se abra e não nos engula.

ELENCO E EQUIPA

CHARLOTTE RAMPLING

Charlotte Rampling começou a sua carreira no cinema em 1964, com *Lições de Sedução*. Em 1966, interpretou Meredith no filme *Georgy Girl* e depois disto, a sua carreira de atriz desabrochou tanto no cinema inglês, como no francês e italiano. Rampling interpretou vários papéis polémicos. Em 1969, em *Os Malditos*, de Luchino Visconti e em *O Porteiro da Noite*, de Liliana Cavani, de 1974, onde contracenou com Dirk Bogarde.

Ela atingiu o reconhecimento do público americano num *remake* da história de Raymond Chandler, *O Último dos Duros* (1975) e mais tarde com *Recordações* de Woody Allen (1980) e particularmente *O Veredito* (1982), um aclamado drama realizado por Sidney Lumet e protagonizado por Paul Newman. A sua longa lista de filmes também inclui *Angel Heart – Nas Portas do Inferno*, *As Asas do Amor*, de Ian Softly, *The Cherry Orchard*, de Michael Cacoyannis, *Caótica Ana*, de Julio Medem, *Lemming*, de Dominik Moll, *Para o Sul*, de Laurent Cantet, *Signs & Wonders*, de Jonathan Nossiter e *Max, Meu Amor*, de Nagisa Oshima.

Charlotte colaborou muito com o realizador François Ozon, tendo papéis em *Sob a Areia* (2001), *Swimming Pool* (2003), *Angel – Encanto e Sedução* (2006) e mais recentemente, *Jovem e Bela*. O trabalho mais recente inclui participações em séries e filmes como *Broadchurch*, *Dexter*, *Restless*, *Comboio Noturno para Lisboa*, *I, Anna*, *Melancolia*, *O Coração da Tempestade*, *Cleanskin*, *Streetdance*, *Nunca Me Deixes*, *Babylon AD*, *A Vida em Tempo de Guerra*, *Boogie Woogie* e *A Duquesa*.

TOM COURTENAY

Tom Courtenay estudou na London's Royal Academy of Dramatic Arts e fez a sua estreia profissional em 1960, em *A Gaivota*, no Old Vic, onde foi muito elogiado pela crítica. A isso seguiram-se papéis em *Henrique IV* e *Noite de Reis*, no Old Vic, antes de assumir o papel de Billy, em *Billy Liar* no Cambridge Theatre em 1961.

Tom teve grande sucesso como o libidinoso Norman em *The Norman Conquests* em Londres, que levaram à sua estreia na Broadway com *Otherwise Engaged* em 1977, que lhe valeram uma nomeação para um Tony e o Prémio da Liga Dramática. Ele recebeu mais uma nomeação para um Tony por *The Dresser*. Foi com *The Loneliness of the Long Distance Runner* que a sua carreira no cinema descolou, valendo-lhe o prémio de Jovem Ator Mais Promissor nos BAFTA. Ao longo da sua carreira, Tom recebeu cinco nomeações para os prémios da Academia Britânica do Cinema e foi nomeado para o seu primeiro Óscar por *Dr. Jivago* em 1965. Em teatro, os seus papéis variaram entre *Tio Vania* e *O Rei Lear*.

Desde os anos 80, Tom entrou em vários filmes e teve vários papéis na TV, incluindo em *O Jovem Mentiroso*, *King & Country* (melhor ator no Festival de Cinema de Veneza), *One Day in the Life of Ivan Denisovich*, *O Companheiro* (nomeação para os Óscares), *Quarteto*, de Dustin Hoffman, *Idade de Viver*, *Nicholas Nickleby*, *Little Dorrit* e a série de TV *A Rather English Marriage*, pela qual ele venceu um British Television Award.

Em 2000, Tom publicou as suas memórias *Dear Tom: Letters From Home* e um ano mais tarde recebeu o título de Cavaleiro. Os seus próximos papéis no cinema incluem *Dad's Army* e *The Legend of Barney Thompson*.



GERALDINE JAMES

Os próximos filmes de Geraldine James incluem *Alice Through the Looking Glass*, realizado por James Bobin para a Disney, e *A Supremacia dos Robôs*, realizado por Jon Wright para a Tempo Productions. Os seus trabalhos recentes incluem *Millennium 1: Os Homens Que Odeiam as Mulheres*, realizado por David Fincher para a Columbia / SPE; *Sherlock Holmes* e *Sherlock Holmes: Jogo de Sombras*, ambos realizados por Guy Ritchie para a Warner Bros e *Alice no País das Maravilhas*, de Tim Burton, para a Disney. Outros trabalhos incluem: *Igualdade de Sexos*, *Gandhi*, *Os Homens Medem-se aos Palmos*, *The Wolves of Willoughby Chase*, *The Bridge*, *Beltenebros*, *Words Upon the Window Pane*, *The Testimony of Taliesin Jones*, *The Luzhin Defence* e *Meninas de Calendário*.

Geraldine venceu o Prémio Coppa Volpi para Melhor Atriz no Festival de Cinema da Veneza pelo seu desempenho em *She's Been Away*, de Sir Peter Hall. Geraldine já foi nomeada para BAFTA quatro vezes, devido ao seu trabalho para TV; por *Dummy*, *The Jewel in the Crown*, *Bando f Gold e Sins*. Os trabalhos seguintes incluíram *Black Work*, realizado por Michael Samuels para a ITV. Mais recentemente ela entrou na série de sucesso *Utopia* (séries 1 e 2), do Channel Four e outros créditos incluem *Legacy*, *13 Steps Down*, *A Pequena Grã-Bretanha*, *City of Vice*, *The Last Enemy*, *Rapunzel*, *The Time of Your Life*, *Heist*, *The Amazing Mrs. Pritchard*, *Jane Hall*, *He Knew He Was Right*, *State of Play*, *The Hound of the Baskervilles*, *Crime and Punishment*, *White Teeth*, *Drovers Gold*, *Kavanagh QC*, *A Doll's House*, *Blott on the Landscape* e *The History Man*.

Em palco, Geraldine interpretou Gertrude na produção de Michael Grandage, para Donmar & Broadway de *Hamlet*, onde contracenou com Jude Law. Outros créditos no teatro incluem *13* (National Theatre), *A Gaivota* (Arcola Theatre), *Victory* (Arcola Theatre), *The UN Inspector* (National Theatre), *O Ginjal* (Oxford Stage Co), *The Faith Healer* (Almeida Theatre), *Death and the Maiden* (Duke of York's), *Hedda Gabbler* (Royal Exchange Theatre) e as produções de Sir Peter Hall de *Lisístrata* (Old Vic e West End), *Cymbeline* (National Theatre) e *O Mercador de Veneza* (Phoenix Theatre e Broadway), pelo qual ela venceu o Prémio Drama Desk e foi nomeada para um Tony.

Geraldine formou-se no The Drama Centre e recebeu o título de Oficial do Império Britânico em 2003.



ANDREW HAIGH

Andrew Haigh trabalhou como editor-adjunto em filmes como *Gladiator* e *Cercados*, antes de se estreiar como argumentista/realizador com a curta-metragem *Oil*. Em 2009 ele realizou a sua primeira longa-metragem, *Greek Pete*, que estreou no Festival de Cinema Gay e Lésbico de Londres e venceu o prémio de Realização Artística no Outfest.

O seu filme-revelação, *Amor de Fim de Semana*, estreou no SXSW Film Festival, vencendo o prémio do público para Visões Emergentes, antes de ser distribuído por todo o mundo. Acabou por vencer inúmeros prémios, incluindo dois British Independent Film Awards para Melhor Argumento. Andrew também venceu o prémio do London Film Critics para Melhor Realizador-Revelação. O filme apareceu em muitas listas de “melhor do ano”, incluindo na do “New York Times” e desde então, o filme teve a prestigiada distribuição da Criterion Collection.

Haigh é atualmente produtor executivo da série *Looking* da HBO, que está na sua segunda temporada, onde ele também escreveu e realizou vários episódios.

TRISTAN GOLIGHER

Tristan Goligher produziu, coproduziu e foi produtor executivo de nove longas-metragens. Ele licenciou-se em Direito e Política e tem uma vasta experiência na indústria do cinema. Desde moço de recados a assistente de realização, passando por editor de argumentos e produtor.

Em 2010 coproduziu *Late Bloomers*, de Julia Gavras, com William Hurt e Isabella Rossellini (Berlinale 2011). No mesmo ano produziu *Amor de Fim de Semana*, de Andrew Haigh (SXSW 2011 e vencedor do prémio do público para Visões Emergentes). Este filme venceu inúmeros prémios, incluindo Melhor Produção nos BIFA de 2011. Em 2012 ele coproduziu *O Capital*, de Costa Gavras (TIFF 2012). Através da iFeatures, Tristan foi produtor executivo em três filmes. O primeiro dos quais foi *The Goob* (Venice Days 2014), que venceu o Grande Prémio do Júri em Dinard, 2014 e o segundo é *Norfolk* (Roterdão 2015).

Reino Unido | 2015 | 93 min. Distribuído por Alambique Mais informações em www.alambique.pt

